

A IMAGEM DAS PREFEITURÁVEIS DE CAMPINAS: uma perspectiva sociosemiótica sobre a consolidação e a quebra dos estereótipos da mulher na política

THE IMAGE OF MUNICIPALITIES IN CAMPINAS: A SOCIO-SEMIOTIC PERSPECTIVE ON THE CONSOLIDATION AND BREAKING OF WOMEN'S STEREOTYPES IN POLITICS

Janete Monteiro Garcia¹
Paolo Demuru²
Carla Montuori Fernandes³

Resumo: o presente artigo propõe uma análise semiótica discursiva a respeito da construção da imagem das candidatas à prefeitura de Campinas em 2020, a saber: Alessandra Ribeiro, Delegada Teresinha e Laura Leal, em relação à desigualdade de gênero. O corpus compreende o Debate da Band (no primeiro turno) e perfil no Twitter das postulantes ao cargo de prefeita. Temos como hipóteses: (i) dentro de um programa narrativo emergem para Alessandra papéis temáticos como de 'heroína'; (ii) Delegada Teresinha, assim como Laura Leal são invisibilizadas. Para Esta análise, utilizamos autores como Algirdas J. Greimas (2008), fundador da Escola Francesa de Semiótica, assim como seus seguidores; buscamos publicações de Raquel Recuero (2009) a respeito de redes sociais e internet e de Flávia Biroli (2010), atuante na área de gênero na política.

¹Jornalista e doutoranda em Comunicação, pela Universidade Paulista; Bolsista da Capes; E-mail: jane_s_monteiro@yahoo.com.br ; <https://orcid.org/0000-0002-4848-5882>

²Orientador e Professor titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade Paulista. E-mail: paolodemuru@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530>

³ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em comunicação. Universidade Paulista; Email: carla.montuori@docente.unip.br; <https://orcid.org/0000-0002-7625-8070>

Palavras-chave: Semiótica; Gênero; Política; Prefeitura e Campinas.

Abstract: Abstract: this article proposes a semiotic discursive analysis regarding the construction of the image of the candidates for the mayor of Campinas, in 2020, namely: Alessandra Ribeiro, Delegate Teresinha and Laura Leal, in relation to gender inequality. The corpus comprises the Debate da Band (in the first round) and profile on twitter, from the candidates to the position of mayor. We have as hypotheses: (i) within a narrative program, thematic roles such as 'heroine' emerge for Alessandra; (ii) Delegate Teresinha, as well as Laura Leal, are made invisible. We used authors like Algirdas J. Greimas (2008), founder of the French School of Semiotics, as well as his followers; we seek publications by Raquel Recuero (2009), who researches social networks and the internet, and by Flávia Biroli (2010), active in the area of gender in politics.

Keyword: Semiotics; Gender; Politics; City Hall e Campinas.

1 INTRODUÇÃO

De quatro em quatro anos, ocorrem as eleições municipais para os cargos de prefeito e vereadores dos atuais 5.568 municípios brasileiros. Em Campinas, em 2020, 14 candidatos disputaram o processo, sendo três mulheres, a saber: Alessandra Ribeiro (PCdoB), Delegada Teresinha (PTB) e Laura Leal (PSTU). Segundo informações da Agência Metropolitana de Campinas (AGEMCAMP), a cidade sedia “uma das regiões metropolitanas mais dinâmicas no cenário econômico brasileiro e destaca-se também pela presença de centros inovadores no campo das pesquisas científicas e tecnológicas”. A região tem outros 20 municípios sob sua jurisdição, compreendendo uma população de 3,1 milhões de habitantes, que são direta ou indiretamente afetados pelas decisões tomadas no município (sejam nos aspectos sociais, políticos, culturais e

econômicos). Estes dados, dentre outros, apontam relevância pela escolha da análise da eleição a prefeito de Campinas.

Levantamento feito em 2020 pela Secretaria da Mulher (Câmara dos Deputados) mostra que, do ponto de vista nacional, todos os partidos preencheram a cota mínima de 30% para candidatas mulheres, prevista na Lei Eleitoral (1997). A maior parte dos partidos preencheu de 32% a 35% desta parcela de vagas. Todavia, sob a perspectiva municipal, o estudo aponta que vários partidos não efetivaram as cotas nas chapas inscritas (CÂMARA, 2020).

No Fórum Mundial de Davos (2019) foi divulgado relatório e projeção apontando que as disparidades entre homens e mulheres não serão resolvidas em menos de 100 anos em todas as áreas. Quando se trata de emprego e renda esse índice sobre para 257 anos (G1, 2019). Dados como esses indicam a pertinência deste estudo, com a atenção voltada para a participação da mulher na esfera política, mais precisamente no âmbito do executivo municipal. No processo eleitoral de 2020 foram eleitas 652 prefeitas, que corresponde a 12,2% contra 11,7% do registrado na eleição de 2016. Deste índice, apenas 10 prefeitas eleitas são pretas. Das 27 capitais, somente Palmas, no Tocantins, será administrada por uma mulher (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Conforme mencionamos, agrega valor a esta pesquisa o fato de que são três mulheres concorrendo à prefeitura de Campinas, sendo este o primeiro processo na cidade com a participação de duas candidatas que se autodeclararam pretas. Essa autodeclaração da cor (preta, branca, parda, amarela, indígena), segundo prevê a Comissão Nacional de Classificação do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), pode ser feita durante a realização do censo. Antes nenhuma outra candidata mulher-preta havia participado do pleito neste município.

O corpus do artigo integra Debate no Canal Bandeirantes e publicações no *Twitter* das candidatas. A pesquisa tem os seguintes objetivos: (i) analisar o discurso sobre a construção e representação da mulher nas eleições à Prefeitura de Campinas durante o Debate da Band e os posicionamentos no perfil das candidatas; (ii) identificar os “papéis temáticos” (Greimas e Courtés, 2008, p.496) atribuídos às mulheres; (iii) destacar quais isotopias temáticas e figurativas mais aparecem no perfil delas no *Twitter* (Fiorin, 2016, p.112).

A pergunta que orienta a pesquisa é: como as candidatas construíram sua representatividade no debate e nas postagens em suas contas do *Twitter*? Temos como hipóteses: (i) Alessandra construiu em suas falas uma imagem mais propositiva, incorporando o papel temático de “heroína”, esperando representar sujeitos inseridos em duas classes: gênero e racial; (ii) Delegada Teresinha e Laura Leal reforçaram por meio da linguagem verbal a norma sexista da invisibilidade ou inexpressividade da mulher, que é própria desse sistema dominador.

Trabalhamos a metodologia da análise semiótica do discurso, seguindo os preceitos de Algirdas J. Greimas (2008) e outros colaboradores da Escola Francesa de Semiótica (Fiorin, 2016; Landowski, 1992). Para tratar do conceito de gênero recorreremos às pesquisadoras Flávia Biroli e Fernanda Ferreira Mota (2010, 2014), Cristina Demaria (2003), Judith Butler (2003) e da renomada feminista Simone de Beauvoir (1970). Utilizamos auxílio de software para coleta e análise de dados como Twitonomy e Iramuteq.

2 CORPUS E COLETA DE DADOS

Delineamos neste tópico mais detalhadamente o corpus da pesquisa, que compreende o Debate da Band Campinas realizado no

dia 1º de outubro de 2020 e as menções no *Twitter* das candidatas à prefeitura de Campinas. Este foi o único debate realizado na televisão no primeiro turno, em 2020, antes da eleição. As demais emissoras como Globo, que trazem há anos um dos principais debates da tv brasileira, justificaram a não realização do evento por questões de segurança, em função da pandemia do novo coronavírus, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020. Participaram do programa nove candidatos, entre eles, Alessandra Ribeiro e Delegada Teresinha. Cabe justificar que mesmo a candidata Laura Leal não tendo participado do programa por não ter seu partido representatividade de pelo menos cinco parlamentares no Congresso como prevê a lei eleitoral, conforme foi explicado ainda pelo mediador do programa “Vagner Sena”, analisamos suas postagens no *Twitter*; entende-se que esta informação é importante para o estudo e pode representar também uma forma de exclusão (Não só a participação no debate mostrou essa invisibilidade, que será detalhada adiante, mas a falta de qualquer manifestação de seus seguidores no perfil dela em relação ao assunto). A Band reforçou a justificativa dizendo que a ausência dos demais candidatos e assessores ocorreu ainda para evitar um número maior de pessoas num mesmo ambiente (no estúdio da tv) em cumprimento das regras sanitárias devido à crise sanitária (Covid-19).

A dinâmica no debate respeitou as seguintes regras: cinco blocos, sendo três deles no formato “pinga-fogo”, momento em que os postulantes ao cargo fizeram perguntas entre si, tendo duração máxima de 30 segundos. O tempo previsto para a resposta era de um minuto e meio. As réplicas e tréplicas não podiam exceder 30 segundos. No decorrer do programa Alessandra Ribeiro foi chamada pelo menos seis vezes e tratou de temas referentes ao gênero e questões raciais. Já a Delegada Teresinha teve uma participação um tanto menor na “rodada

pinga-fogo” haja vista os demais candidatos não a convidavam para a discussão. Suas pautas diziam respeito ao aumento de vagas em creches e proteção à mulher. As falas de ambas e suas participações serão analisadas de forma mais minuciosa nos itens 4.1 e 4.2, referente às candidatas (BAND, 2020).

Outra parte do corpus e recorte diz respeito às publicações na ocasião do debate na Band, na plataforma do Twitter das concorrentes ao cargo. Apresentamos a seguir cada uma das candidatas, de acordo com o histórico disponível na conta do *Twitter* e dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2020) por ordem alfabética, a começar por Alessandra Ribeiro (Figuras 1 e 2). Nesta rede social a candidata é encontrada com o seguinte login: @aleribeirocps. De acordo com as descrições do seu perfil, é historiadora, doutora em Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS) e ex-gestora cultural. O slogan de sua campanha foi “Eu acredito em Campinas”. Alessandra iniciou o processo eleitoral com 3% das intenções de votos e encerrou com 1% (G1, 2020). Sua votação chegou a 12.245 votos.

Figuras 1 e 2: Candidata Alessandra Ribeiro



Fontes: Twitter da Candidata e Tribunal Superior Eleitoral (2020)

Outra candidata é a “Delegada” Teresinha. Ela pode ser seguida na rede social pelo endereço @a_delegada. De acordo com informações do perfil no *Twitter*, “atua no combate à violência contra a mulher há mais de 30 anos. Primeira delegada de defesa da mulher da cidade” (Cf. Figuras 3 e 4). O lema da campanha dela era “Muda Campinas”. Conforme apontou pesquisa do Ibope (G1, 2020), a candidata iniciou o pleito com 7% das intenções de votos e ao encerrar o processo tinha 5%. Nas eleições, ela recebeu um total de 15.101 votos, correspondente a um total de 3,19%, sendo das três mulheres concorrentes no cargo, a mais votada.

Figuras 3 e 4: Candidata Delegada Teresinha



Fontes: *Twitter da Candidata e Tribunal Superior Eleitoral (2020)*

Laura Leal, destaca em seu perfil do *Twitter*, os termos “mulher”, “negra”, “operária e socialista”. Pode ser seguida como @laura_pstu (Cf. Figuras 5 e 6). Segundo os índices apontados na pesquisa feita pelo Ibope (G1, 2020), a candidata começou a campanha com 1% e terminou com a mesma porcentagem. O total de votos foi 498, correspondente a 0.11%.

Figuras 5 e 6: Candidata Laura Leal



Fontes: Twitter da Candidata e Tribunal Superior Eleitoral (2020)

3 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Antes de iniciar efetivamente as análises, trazemos conceitos da temática “Gênero”, sob o viés das pesquisas desenvolvidas por Flávia Biroli e Fernanda Ferreira Mota (2010, 2014) e Cristina Demaria (2003). As primeiras especialistas atuam na área de Ciência Política da Universidade de Brasília refletindo e trazendo contribuições acerca do assunto; Cristina Demaria, por sua vez, é docente na Universidade de Bologna (Itália) e tem dado atenção também em seus estudos às construções desiguais, com foco na mulher, algumas dentro de uma perspectiva semiótica, sendo esta uma das justificativas pela escolha desta pesquisadora. Junto às teorias por elas elencadas recordamos duas grandes autoras engajadas na questão de Gênero servindo de inspiração a muitas outras mulheres ativistas do direito à igualdade: Simone de Beauvoir (1970) e em outra geração, Judith Butler (2003).

3.1 Estudos de gênero

Conforme observam Biroli e Mota (2014) na publicação “Mídia, Gênero e Eleições: peças na produção da política como ela é”, a pouca e baixa representação das mulheres na política aponta que estas “ausentes das esferas de decisão, enquanto grupo, estão em uma

176

situação desprivilegiada para fazer ver suas experiências e transformar seus interesses em questões políticas legítimas e prioritárias” (BIROLI, MOTA, 2014, p. 200). Quando se trata de mulher preta, a situação é ainda mais discutível haja vista na última eleição foram 652 mulheres eleitas e destas, apenas 10 são pretas (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Com base nestes pressupostos, o presente estudo busca mostrar tanto disparidades de gênero em relação à mulher de modo geral quanto a correlação entre as questões de gênero e raciais, que procuraremos elucidar no decorrer das explanações. Abrimos um adendo para explicar o significado do vocábulo gênero. Para alguns autores como a semiótica italiana Cristina Demaria (2003) trata-se da forma pela qual “um certo significado é atribuído ao feminino e suas representações” fazendo parte de uma temática a ser discutida interdisciplinarmente. Segundo Demaria (2003) explica em seu Livro: “Teorie di genere: Femminismo, critica post coloniale e semiótica”, os objetivos políticos existentes acerca do tema podem influenciar na leitura que dele se faz. Para ela, é de suma importância saber diferenciar “a linha entre o que é representação adequada e o que é representação errônea” e poder entender como os dois se subscrevem em um contexto cultural (DEMARIA, 2003, p. 272-273). Em suma, o conceito do termo, suas convenções linguísticas e culturais, além das interpretações, nos catapultam a outra questão, que se torna mais séria, principalmente em relação à mulher: a desigualdade de gêneros. Diante disso, Demaria (2003, p. 272-273) expõe que estas concepções permanecem cristalizadas na sociedade e uma das formas de continuidade estabelecem-se por meio dos estereótipos. Tais práticas resistem de uma era a outra. Este entendimento do fenômeno também era estudado pela famosa feminista e defensora de direitos da mulher, Simone de Beauvoir. Na Obra “Segundo Sexo 1 – Fatos e Mitos” (1970, p. 101) ela ressalta que “na época em que o gênero humano se eleva até

a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos”. Dessa forma, segundo a feminista: “É natural que deem à mulher uma situação subordinada” (BEAUVOIR, 1970, p. 101). Não poderíamos deixar de fora desta discussão, outra renomada estudiosa do assunto: Judith Butler. Em sua notável publicação com o título “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade” (2003), Butler afirma que quando constituído “nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2003, p. 27). Sendo assim, e segundo Butler (2003) prescrevem-se através de uma cultura amplamente implacável.

3.2 A Semiótica discursiva

Na Obra “Elementos de Análise do Discurso” (2016), o linguista José Luiz Fiorin menciona que os textos são narrativas complexas, organizados hierarquicamente “em uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) e estruturados numa sequência canônica (FIORIN, 2016, p. 29)” integrando fases como a da manipulação, competência, performance e sanção. Assim é possível traçar um percurso sobre a construção de um “ator” em uma determinada narrativa, denominação que segundo Greimas e Courtés (2008, p. 44-45) “substitui o personagem” em uma história, tratando-se de “narrativas complexas”, principalmente porque nem sempre estão evidentes diante dos olhos ou claras no discurso, e, portanto, precisam ser decifradas. Esse arcabouço teórico-metodológico proposto por Greimas dá conta dessas análises.

Em cada segmento o “personagem” está determinado a fazer tudo que for preciso para atingir seu “objeto de valor”, que é definido por Greimas e Courtés (2008, p.347) como “lugar de investimento dos valores

(ou das determinações) com as quais o sujeito está em conjunção ou disjunção”, significando estes últimos termos como concordância e discordância (Greimas e Courtés, 2008, p. 90, 149).

Sob a ótica destes estudiosos do discurso trazemos também a definição de “papel temático”, que será abordada durante as análises. Os semioticistas entendem como papel temático, a “representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático” (Greimas e Courtés (2008, p. 496). A título de compreensão, o percurso “pescar”, por exemplo, pode ser condensado ou resumido pelo papel temático “pescador” e assim por diante, de acordo com o caso a ser estudado.

Elencamos no estudo também teorias desenvolvidas por outro renomado semioticista, que segue a linha de pensamento da Escola Francesa de Semiótica, ele é Eric Landowski. No capítulo IV da Obra “Sociedade Refletida” denominado “Jogos Ópticos: Situações e Posições de Comunicação, Landowski (1992) analisa as relações que se estabelecem a partir de modalidades como aquelas formadas com base nos verbos “ver” ou “querer”. Conforme Landowski aponta “implica a presença de ao menos dois protagonistas unidos por uma relação de pressuposição recíproca – um que vê, o outro que é visto” (LANDOWSKI, 1992, p. 88-89). Tais conceitos serão melhor trabalhados no tópico 4.3 deste estudo.

3.3 Os Estudos de Recuero

Raquel Recuero (2009) destaca em suas pesquisas conceitos importantes que auxiliam na fundamentação dessa análise e temática, como: conexões, relações, interações ou laços sociais servindo para a compreensão e lógica do engajamento (ou não) das candidatas nas redes sociais on-line.

As redes sociais se constituem a partir de conjunto de dois elementos-chaves: os atores que são representados pelas pessoas, instituições ou grupos e formam os nós da rede e as suas conexões. As representações dos atores sociais de maneira individualizada e/ou personalizada são constituídas por meio de um perfil em qualquer rede social. Já as conexões, são os elementos que criam a estrutura na qual as representações formam as redes sociais (RECUERO, 2009).

Os estudos de redes sociais se estruturam a partir da observação das redes 'inteira' ou de "ego", esta última formada por um perfil pessoal em uma rede. A rede ego é definida como "uma rede traçada a partir de determinado ator. Nesse caso, escolhe-se um ator para iniciar o traçado da rede e, a partir dele, traça-se a rede" (FRAGOSO et al., 2012, p. 120). Nas redes ego, o foco se volta para o papel desempenhado pelo perfil da rede, sua caracterização e desempenho. Fragoso et al. (2012) destaca que os processos dinâmicos das redes são resultado do processo de interação realizado entre os atores que a compõem.

Um dos aspectos de relevância no estudo das redes sociais on-line diz respeito à influência exercida por alguns usuários sobre outros, sendo que para fins políticos, o uso da internet para propagação de campanhas aumentou exponencialmente nas últimas eleições no Brasil (AMARAL e PINHO, 2018). Na esfera eleitoral é importante se atentar para perfis de usuários que são influenciadores e que de alguma forma atuam para convencer outros a mudarem sua opinião na estrutura de decisão política (RECUERO e SOARES, 2020). Nesse sentido, a pesquisa buscará observar como se constituiu a rede ego das candidatas que disputaram a eleição para a prefeitura de Campinas em 2020, a partir da análise dos perfis da Delegada Teresinha, Alessandra Ribeiro e Laura Leal.

4 ANÁLISE

4.1 A “heroína”

A primeira candidata a ser estudada é Alessandra Ribeiro, que a priori, pelas análises (Fiorin, 2016), devido aos temas que circundaram os discursos referentes à participação dela no processo eleitoral para prefeita de Campinas, tanto no debate quanto em sua conta no *Twitter* pode-se atribuir o título de “heroína”, conforme detalharemos adiante. Heroína⁴ é alguém vista como capaz de libertar um “outro” de uma situação adversa, seguindo o modelo de narrativas que temos visto em voga nas eleições brasileiras. Contudo, essa atribuição em relação a ela implica num juízo de valor eufórico, ou, positivo, já que os temas que emergem são tanto delicados quanto necessários de serem discutidos. Outro termo aqui exposto é “representação”. Para Greimas e Courtés (2008, p. 419) este significa “estar no lugar de outra coisa, de representar uma realidade”, que converge com o papel de Alessandra.

Antes de seguirmos fazendo essa relação entre a candidata e o papel temático de heroína, abrimos um adendo para destacar os “objetos de valor” desejados pela aspirante ao cargo de prefeita de Campinas: (i) o mais comum entre todos os demais candidatos, vencer as eleições e (ii) ser uma voz ativa em favor de dois grupos: as mulheres e os negros. Os discursos de Alessandra deixaram claros esses elementos em sua fala inicial no debate. No momento da apresentação, ela declara que seria uma “representante da diversidade”, e a partir daí, para este público, ela se firmou como tal, assumindo “papel temático” que figurativiza, como já dissemos, a uma espécie de “heroína”.

⁴ Conforme o Dicionário Houaiss Online (2009), o termo “heroína” significa mulher de coragem, dotada de sentimentos nobres e sublimes; Mulher que figura como principal personagem de um poema, romance, peça teatral, filme cinematográfico etc.

Ao assumir essa figurativização poderíamos dizer que Alessandra estava disposta a representar tais grupos porque entende como as pessoas inseridas nestes se sentem; que ela pode aderir e lutar esta luta porque é mulher e preta. Isso se evidencia em declarações como: “Na minha administração vou defender as mulheres, os jovens negros e humanizar a guarda municipal”. Com este viés, ela pediu o voto se apresentando como “renovação” para a cidade. Na rodada do debate ou confronto denominado “Pinga Fogo”, a candidata continuou tratando das temáticas já mencionadas. Este era seu foco ao longo de todo o programa. Em seu *Twitter*, no decorrer do debate, no dia 1 de outubro (2020), começaram a aparecer as seguintes postagens: “ela entende as demandas da população [...] dará voz aos que são silenciados e tratados com violência” ou “com ela vamos virar regra, chega de virar índice ou exceção”. Essas falas se referiam também, na época, à comoção pela morte de George Perry Floyd, por um policial, nos Estados Unidos. No Brasil, segundo dados do Instituto “Atlas Violência” (Acayaba, Arcoverde, G1, 2020), “os negros representam 75,7% das vítimas de homicídio”. Alessandra estabeleceu uma relação entre as mortes de Floyd Jordy Moura Silva, morto por um guarda em Campinas e citou que a cada 23 segundos morre um jovem negro no país. Dessa forma, ela aproveitou a ocasião para lembrar a campanha “vidas negras importam”, iniciada na ocasião da morte de George Floyd e levada adiante em outros protestos sobre o assunto. Outros comentários no perfil de Alessandra expressavam: “Como é bom se sentir representada por uma mulher forte e competente, esperança renovada e Ale Ribeiro na prefeitura de Campinas”. Durante o programa, a candidata propôs discussões sobre racismo estrutural, que segundo ela é “uma pauta de política democrática e antirracista, que deve ser prevista dentro dos aspectos de igualdade e segurança pública”. Em sua conta do *Twitter* foi

chamada de “musa” e subiram hashtags como “Eu quero ela”. Ou seja, analisando semioticamente, o discurso de Alessandra criou o efeito sentido de ser uma legítima defensora de políticas antirracistas. Assim ganhou a confiança de uma parcela da população, obtendo ao fim da eleição 12.245 votos.

No desenrolar dos processos eleitorais são manifestadas manipulações de toda ordem, que nem sempre carregam em si uma conotação negativa. Sob o ponto de vista da análise semiótica do discurso como proposta por Greimas, este conceito atua com base no esquema narrativo canônico, que compreende as quatro fases já mencionadas no tópico “Semiótica Discursiva”, retomadas neste ponto, a saber: manipulação, competência, performance e sanção (FLORIN, p. 29-31), mas não, necessariamente, todos esses estágios se concretizam em um dado programa narrativo. Trataremos agora de quais fizeram parte desse percurso da candidata Alessandra Ribeiro.

Para conseguir alcançar um de seus objetivos, identificamos uma manipulação com aspecto de “sedução”, que caracteriza-se por uma ação de um sujeito que leva o outro a agir conforme o desejo em questão, envolvendo a modalidade do “fazer” (GREIMAS E COURTÉS, 2008. p. 301). Em outras palavras, propõem-se uma espécie de recompensa, do tipo “se acreditar e votar em mim, você pode contar com mais igualdade”. Importante dizer que nesta ordem e caso, a manipulação traz consigo um efeito ou juízo positivo, já que visa a conquista de algo valioso, que não se tem em uma cultura preconceituosa, ou seja, a equidade racial e de gênero. Tais elementos convergem com o objeto de valor idealizado por Alessandra. O próprio slogan de campanha da candidata chama para essa crença “Eu acredito em Campinas”. Ou, o mesmo que “eu acredito que podemos, eu acredito em você”, que estipula uma espécie de consenso entre

actantes (ela e o eleitor). Os actantes são o mesmo que atores no processo. Indo ao encontro de outras fases do esquema narrativo, a competência e performance da candidata, “dotada de um saber e poder fazer”, segundo Fiorin (2016, p. 30-31), mostra que mesmo sendo essa sua primeira vez a disputar uma eleição, Alessandra entra em acordo com uma parte da população, que exerceu seu direito delegando-lhe o poder de mudança. Uma questão que poderia ser levantada aqui seria: isso foi suficiente para ser ela a primeira mulher-preta a administrar Campinas? A resposta, visto que temos o resultado da eleição, é não. Podemos dizer, então, que a fase da sanção, quando o sujeito principal recebe ou não o “prêmio” por sua atuação, não se concretizou em sua plenitude (FIORIN, p. 31). Alessandra não conseguiu se eleger, no entanto, levantou bandeiras importantes e talvez tenha contribuído para uma reflexão em torno do assunto, evidenciada no debate e em sua rede social. No programa teve participação expressiva e foi inquirida oito vezes, contando da apresentação, dos questionamentos por parte de outros candidatos e do momento das considerações finais, fato que não se repetiu com a Delegada Teresinha, como abordaremos mais à frente.

Agregamos a estas análises sobre Alessandra informações adicionais obtidas com auxílio dos softwares “Twitonomy e Iramuteq”. O Twitonomy é uma ferramenta analítica paga, produzida pelo australiano Matthieu Fyot, com potencial de analisar perfis, palavras-chaves e *hashtags* no *Twitter*, permitindo buscas com recorte temporal customizado, no período de um ano. Por meio do Twitonomy foram identificados 130 *tweets* no perfil da candidata referentes a sua participação no debate. Os dados foram submetidos no Iramuteq e o sistema estabeleceu as seguintes categorias, que serão interpretadas a partir deste momento, nos gráficos abaixo:

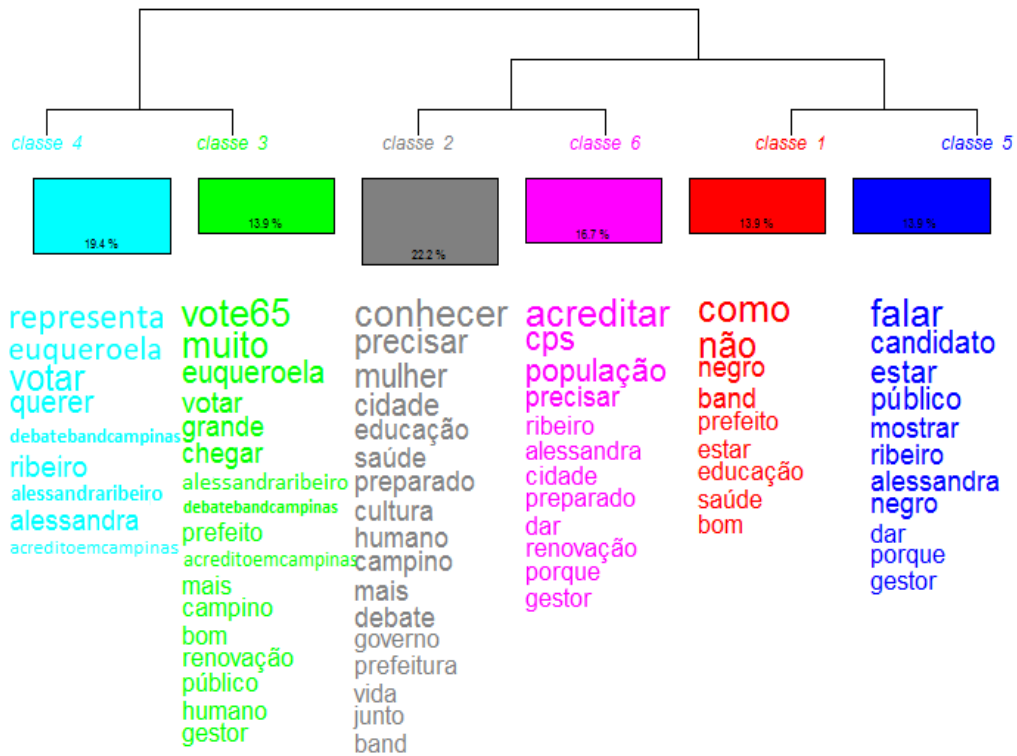


Gráfico 1 Iramuteq; resultados obtidos no Twitter de Alessandra

Nesta etapa seguindo a ordem de classificação do maior percentual para a menor (Gráfico 1), identificamos termos semânticos, que dentro deste contexto, nos ajudam a entender melhor a construção da imagem da primeira candidata e o caminho percorrido por ela. Na classe 3 (na cor cinza) com 22,2%, encontramos palavras como: campino, mulher, preparado, prefeitura, debate; na próxima categoria que somou 19,4% (na cor azul claro), temos novamente: Alessandra Ribeiro (duas vezes), eu quero ela, querer, representar, votar, acredito em Campinas; somando 16,7% aparecem os seguintes vocábulos (na cor rosa): acreditar, Alessandra, renovação; nas demais classificações (nas cores azul marinho, vermelho e verde) que se igualam com uma porcentagem de 13,9%, estão: Alessandra, negro, não, eu quero ela,

prefeito, acredito em Campinas, votar, renovação, entre outras. Com a intenção de ser o mais preciso e consistente possível, inserimos aqui também a “Nuvem de Palavras” (Gráfico 2), podendo fazer uma associação quanto à intenção dos seguidores (eleitores) da candidata na sua conta do *Twitter*.



Gráfico 2 Iramuteq: Nuvem de palavras gerada a partir de dados do Twitter de Alessandra

Na relação de um gráfico (1) com o outro (2), destacamos (pela ordem de tamanho da fonte) as palavras que são mais pertinentes e evidentes (centro), ressaltando que não repetiremos termos parecidos ou que tenham o mesmo significado: Campino, Alessandra Ribeiro 65, candidato, debate em Campinas, prefeito, acredito em campinas, eu quero ela, mulher, representar, prefeitura, negro e votar. Como já apontamos, os vocábulos em questão convergem com toda a análise anterior ao passo que estabelecem uma conexão. Para Recuero (2009, p.30) conexão “é constituída por laços sociais formados pela interação social entre os atores”. Retomando a análise a partir dos resultados da “nuvem de palavras”, o nome da candidata é ressaltado por mais de

uma vez e a relação entre ela e o “povo campino” são centralizadas nessa narrativa; o “acreditar em Campinas”, é uma menção de que ela pode fazer a diferença e trabalhar para mudar uma condição, caso seja eleita; porém, à medida que termos como “prefeito”, “eu quero ela” e “negro” se afastam da posição central em direção à periférica, estes podiam dar a entender, aliados as demais constatações feitas antes do pleito ocorrer, de que o resultado não seria suficiente para eleger Alessandra. Quando relacionamos esta informação ao desfecho da eleição, entendemos que faz sentido tais apontamentos. Este simbolizava o desejo de um público específico (2,45%) em tê-la como representante frente à prefeitura, que pelo menos desta vez, não se concretizou.

4.2 As (in) visíveis: Delegada Teresinha e Laura Leal

Antes de mais nada, justificamos que a análise de ambas as candidatas será feita de maneira síncrona, pois os resultados corroboram um com o outro. De pronto, esclarecemos que por falta de conteúdo ou manifestações em relação às duas candidatas em seus perfis do *Twitter*, em relação ao recorte estabelecido, não foi possível utilizar auxílio do *Iramuteq* para análise desses dados devido à ausência de postagens suficientes para lançar no software visto que só é possível a realização desse procedimento quando se aplica no mínimo um número de informações parecidas ao da coleta feita no perfil de Alessandra (130 *tweets*), por exemplo, ou maior que do que este índice. Este é um indicativo altamente relevante que corrobora com o tópico e hipótese, evidenciando a “invisibilidade” das duas candidatas e que trataremos a partir dos conceitos do semiótico Eric Landowski sobre “Regimes de Visibilidade” impressos na obra *Sociedade Refletida* (1992). Esta “invisibilidade” pode ser associada aos sujeitos vistos como desiguais na esfera política aqui estudada.

Nessa sequência trazemos informações sobre a candidata Delegada Teresinha, pois ela participou do debate promovido pela Band, no dia 1 de outubro (2020), junto com outros oito concorrentes e fez emergir questões como a ampliação de vagas em creches e seu trabalho como delegada em defesa da mulher. Ademais, analisamos o *Twitter* dela também. Diferente de Alessandra, durante o programa, a Delegada Teresinha falou apenas na apresentação, em outras duas vezes quando seu nome foi sorteado⁵ e apenas uma ao ser inquirida por outro concorrente, além das ponderações finais, ocasião em que aproveitou para reclamar ter sofrido discriminação. Nessa última participação, ela disse: “Pouco me chamaram para o debate [...] talvez seja ‘medo’ [...] não é fácil, somos apenas duas mulheres no meio desses homens [...] vamos mudar Campinas, nem que para isso, seja necessária uma mulher”. Segundo a Delegada Teresinha, faz 35 anos que ela veio para a cidade defender uma causa, que “ninguém acreditava”, dando a entender que a razão principal dizia respeito à da mulher. Em seu *Twitter*, Delegada Teresinha fez uma postagem antes do debate convidando o público para assistir, mas não teve a repercussão desejada, nem durante e nem após o programa exibido pela Band, conforme levantamento feito nesta pesquisa.

Passamos à candidata Laura Leal, com base nas postagens feitas em sua conta do perfil *Twitter*. Como informamos no início deste artigo, a candidata não participou do debate, pois seu partido não tem representatividade suficiente. Em seu perfil, ela corrobora ainda mais com esta análise: “Assim como a @verapstu em SP minha candidatura também é invisibilizada pela grande mídia e não sou chamada para os debates”. Ela mencionava a concorrente à prefeita de São Paulo, Vera Lúcia, que é do mesmo partido e também não pôde participar do

⁵Sorteio fazia parte de uma das regras do debate, prevenindo que nenhum candidato ficasse de fora da discussão.

debate pelo mesmo motivo que excluiu Laura do programa. Fora esta manifestação, nenhuma outra foi encontrada.

4.3 Regimes de visibilidade

Tais apontamentos configuram desinteresse, uma tentativa de invisibilização da mulher, como suposto anteriormente. Podemos explicar melhor essa problemática utilizando os conceitos propostos por Landowski (1992, p. 95) no capítulo “Jogos Ópticos: Situações e Posições de Comunicação”. Nos regimes de visibilidade o autor estabelece confrontações modais, a partir da lógica do “querer” e do “ver” e a partir destas modalidades, outras categorias podem ser formadas, de acordo com a necessidade do objeto: focamos, por exemplo, no “querer ser visto e não querer ver”. No caso da Delegada Teresinha que “queria ser vista” tanto no debate quanto na rede social: no debate, os concorrentes deixaram clara sua posição de “não querer ver”, logo, o público também não pôde vê-la, ou a viu poucas vezes, o que pode ter diminuído suas chances eleitorais; no perfil do *Twitter*, a candidata não teve um retorno favorável quando convidou os seus seguidores acompanhar o programa, pretendendo “querer ser vista”. Com relação à candidata Laura Leal, a situação ainda é mais delicada, uma vez que nem no debate ela teve oportunidade de expor suas ideias e tampouco no perfil do *Twitter* recebeu atenção. Sobre esses princípios, Landowski (1992, p. p.95) explicou que eles permitem “analisar situações em que o exercício do olhar, o próprio fato de ‘ver’ ou ‘ser visto’ aparecerá como a ocasião ou o motivo de verdadeiros conflitos entre sujeitos [...]”. Ou seja, em ambos os casos, não houve a oportunidade de engajamento ou interação, o que demonstra, além de uma “invisibilidade”, uma possível falta de interesse de posicionamento ou adesão por parte dos seguidores. Essa visibilidade tão reclamada pela Delegada Teresina e Laura Leal é um efeito bem claro e prático da desigualdade de gênero.

A pesquisadora Flávia Biroli destaca em sua publicação “Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos” (2010, p. 274), que a naturalização e o processo de exclusão das mulheres na esfera pública, particularmente dos cargos eletivos, vêm sendo um fator de legitimação da política como um lugar destinado aos “homens”. Por isso, a mulher ainda encontra muitas barreiras quando busca participar ou se estabelecer em uma função eletiva. Depois do término do pleito, Biroli foi consultada pela Folha de S. Paulo (BRANDINO E GARCIA, 2020) sobre as eleições municipais no Brasil. Ela disse: “o número de mulheres eleitas para o executivo é muito ruim. De 5.568 cidades brasileiras, 60% nunca tiveram uma prefeita mulher, apesar de elas representarem 52% da população”. Esta afirmação da pesquisadora aponta para o aspecto da invisibilidade, bem como para a baixa representação da mulher na gestão pública, no caso, a municipal. O que dizer da visibilidade de Alessandra Ribeiro? A questão trabalhada com Alessandra segue outro viés, mas se fôssemos analisar nesse sentido, quando aparentemente ela atinge uma pseudo-visibilidade (vista também no percentual dos votos), o que ganha espaço e ênfase, devido aos temas incisivamente defendidos são papéis temáticos e nunca a capacidade da mulher, ou de uma conquista da independência de um padrão. De uma maneira ou de outra, a mulher sempre é alvo de caracterizações, seguindo uma “programação ou seja, quando candidata assume o papel de “heroína”, esta representação não dura muito tempo, conforme ocorreu com Alessandra, ou então, como aconteceu com Delegada Teresina e Laura Leal, tornando-as inexpressíveis no campo político (BIROLI, 2010). Quando se refere a essas duas últimas candidatas, Delegada Teresinha e Laura Leal, essa inexpressividade fica evidente pela ausência de informações suficientes no *Twitter*. Fora um convite da Delegada para os seguidores assistirem o

programa e respectivamente, a reclamação de Laura Leal em seu perfil (sobre a não participação dela no debate) de acordo com os recortes da pesquisa, não ganhou eco e nenhum comentário sobre elas, representando na prática um sentido de inexistência, de invisibilidade. Semioticamente remete a um sentido de indiferença, de acordo com o modelo de programação seguido pela sociedade. De maneira semelhante, Dilma Rousseff em sua trajetória como candidata e depois, presidente, enfrentou desafios em função e inúmeros papéis temáticos como o de “bruxa”, de “louca ou desequilibrada”, foram atribuídos a ela devido às questões de gênero (Cf. DEMURU, GARCIA, 2020).

O gráfico abaixo traz a relação entre os regimes de visibilidade “querer ser visto e não querer ver” e mostraria as candidatas dessa forma:

Regimes	Juízo de Valor positivo	Juízo de valor negativo	Candidatas – Como fica?
Regime de Visibilidade (Sintaxe)	Querer / Ser vista	Não ser vista Não querer ver	Alessandra Ribeiro ✓ Querer e ser vista ✓ Proximidade
	Proximidade	Indiferença	Delegada Teresinha e Laura Leal ✓ Não ser vista e não querer ver ✓ Repulsa e indiferença

Fonte: Elaboração dos autores

Sob a ótica dos regimes de visibilidade e modalidades do “querer e ver” “não querer e não ser visto” de Landowski (1992), observamos que houve uma proximidade maior entre a candidata Alessandra Ribeiro e os seguidores, eleitores, tanto no momento do debate quanto no perfil dela

do *Twitter*; já com as duas candidatas Delegada Teresinha e Laura Leal, não foi constatado o mesmo resultado, que chamamos então de indiferença, lembrando que estes são sentimentos ou comportamentos típicos no tratamento das mulheres, em qualquer manifestação desigual de gênero (BIROLI, 2010). Importante destacar que embora a Delegada Teresinha não tenha recebido tanta evidência na sua rede social quanto no debate, teve uma votação maior que Alessandra Ribeiro e Laura Leal. Supomos que isso se deva à expressividade do partido ou pelo longo tempo em que atuou no campo político como vereadora em Campinas, e que não se expressaram com a mesma força nos quesitos: debate e engajamento nas redes sociais.

Complementamos essas análises com os estudos da pesquisadora Recuero (2009) sobre as relações nas redes sociais. Utilizando dos conceitos de Parsons e Shill (1975) ela reforça que “a interação, relação e laços sociais”, presentes ao longo desse estudo, representam uma espécie de matéria prima das relações e dos laços sociais (RECUERO, 2009, p. 30). Significa o mesmo que dizer, para os três autores que estas interações baseiam e acionam elementos fundamentais, que se orientam em relação às expectativas e dependem sempre de uma reciprocidade, que no caso de Alessandra, foi maior do que com as candidatas: Delegada Teresinha e Laura Leal. Landowski (1992) também defende que essa ação recíproca deve existir entre sujeitos. Para ele, “ou os dois parceiros ‘se interessam’ mutuamente, ou ‘se ignoram’ um ao outro”, que tem a ver nestes casos estudados com a “proximidade” elencada acima, ou então, com a indiferença” (LANDOWSKI, 1992, p. 95).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as desigualdades também estão presentes no campo político, onde a participação da mulher é esvaziada como ocorreu com a Delegada Teresinha e Laura Leal e ambas foram, segundo um dos regimes proposto por Landowski (1992), invisibilizadas. Quando fica em evidência, “assume” papéis temáticos, como de “heroína”, que no caso de Alessandra simboliza uma espécie de resistência frente aos desafios que se apresentam pelo caminho (GREIMAS E COURTÉS, 2008). Estas construções presentes em uma cultura sexista, além de atuarem no sentido de inferiorização desse sujeito, visam incapacitar e desmotivar em muitos casos a busca de uma posição diferente na sociedade seja no campo político ou em outras áreas. Embora os dados da Secretaria Nacional (2020) apontem que neste ano a cota de 30% candidatura de mulheres, pelos partidos, tenha sido preenchida, a realidade aponta que na prática esses processos eleitorais não são efetivados e isso corrobora com a lógica de atuar no enfraquecimento da mulher na superação de um padrão imposto pelo mundo natural. Conforme destacou a cientista política, Flávia Biroli (2020), “o número de mulheres eleitas para o executivo é muito ruim. De 5.568 cidades brasileiras, 60% nunca tiveram uma prefeita mulher, apesar de elas representarem 52% da população” (BRANDINO E GARCIA, 2020). O aumento da participação e eleição de mulheres foi tímido, passando de 11,7% em 2016, para 12,2% no último processo eleitoral para prefeito, em 2020. Somente uma capital brasileira será administrada por mulheres, Palmas (TO), as demais 652 são cidades do interior. Se levar em conta a eleição de mulheres pretas, esse dado é mais impressionante ainda: ao todo são apenas nove municípios administrados por essa etnia. Trabalhos como esse são necessários para contribuir, quem sabe, com uma mudança de comportamento e consciência por parte da sociedade, que ainda se mostra

preconceituosa. E com essa justificativa, incentiva-se outras produções, com foco nessa temática e problemática.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Negras são 28% dos brasileiros, mas têm baixa participação política.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/eleicoes-2020/noticia/2020-10/negras-sao-28-dos-brasileiros-mas-tem-baixa-participacao-politica> . Acesso em 15 nov 2020.

_____. **Apenas 12% das mulheres candidatas foram eleitas para prefeituras.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-10/apenas-12-das-mulheres-candidatas-foram-eleitas-para-prefeituras> . Acesso em 5 jan 2020.

AMARAL, M. S.; PINHO, J. A. G. de. Eleições Parlamentares no Brasil: O Uso do Twitter na Busca por Votos. **Rev. adm. Contemp**, v.22, n.4, p. 466-486, July/Aug. 2018.

BAND. **Debate 2020.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RHLr1h5b0Wo> . Acesso em 10 dez 2020.

BIROLI, F. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cad. Pagu** [online]. 2010, n. 34, pp. 269-299.

BIROLI, F.; MOTA, F. F. Mídia, Gênero e Eleições: peças na produção da política como ela é. COMPÓS: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **XXIII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio de 2014.

BRANDINO, G; GARCIA, G. **Pela 1ª vez neste século, 264 municípios do país terão prefeitas, sendo 33% negras.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/12/pela-1a-vez-neste-seculo-264-municipios-do-pais-terao-prefeitas-sendo-33-negras.shtml> . Acesso em 6 jan 2020.

CÂMARA. **Secretaria da mulher divulga estudo sobre participação nas eleições deste ano.** Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/700664-secretaria-da-mulher-divulga-estudo-sobre-participacao-feminina-nas-eleicoes-deste-ano/> . Acesso em 15 nov 2020.

DELEGADA TERESINHA. **Convite para debate**. Twitter: a_@delegada. Acesso em: 01 out 2020.

DEMURU, P.; GARCIA, J. M. De “dama de ferro” a “bruxa desequilibrada”: uma análise semiótico-discursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). **Revista Interamericana de Comunicação Midiática Animus**, 2020.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

G1. **Dário Saadi, do Republicanos, e Rafa Zimbaldi, do PL, vão disputar o 2º turno em Campinas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/eleicoes/2020/noticia/2020/11/15/dario-saadi-do-republicanos-e-rafa-zimbaldi-do-pl-vaio-disputar-o-2o-turno-em-campinas.ghtml> . Acesso em: 05 dez 2020.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HEROÍNA. In: **DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/heroina/> Acesso em: 10 dez 2020.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LEAL, L. **Candidatura invisibilizada**. Twitter: @laura_pstu. Acesso em: 02 out 2020.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Editora Meridional, 2009.

RECUERO, R.; SOARES, F. **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter**: Estudo de caso. E-compós, 2020.

RIBEIRO, A. **Dará voz aos silenciados**. Twitter: @aleribeirocps. Acesso em: 01 out 2020.

_____. **Como é bom se sentir representada.** Twitter: @aleribeirocps.
Acesso em: 01 out 2020.

_____. **Chega da gente virar só índice.** Twitter: @aleribeirocps.
Acesso em: 01 out 2020.

_____. **Na minha administração vou defender as mulheres, os jovens negros.** Twitter: @aleribeirocps. Acesso em: 01 out 2020.

TSE. **Mulheres representam apenas 12% dos prefeitos eleitos no 1º turno das Eleições 2020.** Disponível em:
<https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Novembro/mulheres-representam-apenas-12-dos-prefeitos-eleitos-no-1o-turno-das-eleicoes-2020> . Acesso em 4 jan 2020.

TSE. **Resultado das eleições.** Disponível em:
<https://resultados.tse.jus.br/oficial/#/eleicao/resultados> . Acesso em 05 dez 2020.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

GARCIA, J. M.; DEMURU, P.; FERNANDES, C. M. A Imagem das prefeituráveis de Campinas: uma perspectiva sociossemiótica sobre a consolidação e a quebra dos estereótipos da mulher na política. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 7, nº15, jan-jun/2022, p. 169-196.